

Governo se empenha em convencer que não há descontrole.

Os ministros econômicos — Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu — prosseguem o esforço hercúleo de convencer grandes formadores de opinião, empresários, economistas e jornalistas, de que o descontrole inflacionário pode ser evitado. Seu maior trunfo é a própria inflação. O INPC de junho foi de 29,4% mas está em declínio. O IPC de julho (a inflação oficial do IBGE) deverá ficar entre 26 e 27%.

— O ministro da Fazenda está fazendo um esforço pessoal muito grande para conversar — afirma o presidente da Brasilpar e ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários, Roberto Teixeira da Costa, que jantou terça-feira com Mailson. A situação é delicadíssima, mas há elementos que permitem chegar até as eleições.

O vice-presidente do grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, que dirige a maior empresa de distribuição de alimentos do País, levou ontem sua proposta: indicar uma diretoria com alta credibilidade para dirigir o Banco Central por um ano, com respaldo do Congresso, de forma a assegurar a transição de governo. E, simultaneamente, apressar a independência do BC, proibindo-o de pagar contas feitas pelo governo.

Para chegar às eleições sem traumas, algumas providências foram discutidas por Mailson com os empresários: 1) limitar os aumentos de preços à inflação passada; 2) corrigir gradualmente as tarifas públicas, com o IPC do mês anterior mais, por hipótese, 2% ao mês; 3) manter a política cambial, que desconsidera a inflação externa — equivalendo a dar desvalorizações reais no cruzado frente ao dólar; 4) manter as reservas cambiais em US\$ 6 bilhões (já há, segundo Mailson, a compreensão dos bancos) e deixar os credores na fila, dando prioridade aos pagamentos aos países-membros do Clube de Paris.

A antecipação da posse do sucessor de Sarney não foi discutida com Mailson — até por impropriedade. O ministro ad-

mite, porém, que o atual governo não tem força para agir sobre o essencial: a política fiscal, para reequilibrar receitas e gastos da União, Estados e municípios.

Teixeira da Costa é a favor da antecipação. “Se não há condições para ajustar a economia, o corolário natural é um governo a quatro mãos ou antecipar a posse. Eu sugeriria 15 de janeiro.”

Mailson continuou descartando um quarto choque heterodoxo. “Há dois ministros de mangas arregaçada lutando para evitar o pior. Eles não estão prostrados” — disse sobre Mailson e Abreu o presidente do grupo Fenícia, Jorge Wilson Simeira Jacob, que esteve segunda-feira em Brasília.

O recuo da inflação em julho, detectado pela Fipe-USP (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo), explica-se principalmente pela queda dos preços da carne e das proteínas animais (frango, ovos etc.). No INPC de 29,4% de junho, a carne entrou com 5 pontos, ou 17% da inflação, estima o professor Geraldo Gardenali, da FGV — São Paulo. Os criadores decidiram vender mais depressa o gado em função do frio e da elevação dos juros no **overnight**, mas, historicamente, a carne tende a subir entre 15 de agosto e 15 de setembro.

— Nada mudou de anteontem para cá que justificasse uma alteração do clima — observa o ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore. — Estaria mais feio, é claro, se a inflação fosse de 35% e as reservas cambiais tivessem caído a US\$ 2 ou US\$ 3 bilhões.

A inflação de agosto, prevêem Pastore e Gardenali, tende a subir. “Ficará acima dos 30% — estima Pastore. Mas não vai haver uma debandada dos títulos públicos.” O horizonte inflacionário torna-se mais nublado a partir de setembro, mas nem por isso um quarto choque heterodoxo representaria uma saída. “Ele desestabilizaria ainda mais” — acredita o ex-presidente do BC.

Fábio Pahlm Jr.